



## ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENSINO DE SOCIOLOGIA: observação da formação e prática docente

*Rafael Ademir Oliveira de ANDRADE<sup>1</sup>*  
*Eliane BASTOS<sup>2</sup>*

### Resumo

Olhar, ouvir e escrever, esta foi a proposta deste trabalho de observação de aulas do ensino da disciplina de Sociologia em uma escola da rede pública do município de Porto Velho, ação realizada como parte curricular da obtenção da licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Rondônia. O objetivo foi analisar o comportamento de professores e alunos frente ao processo de ensino-aprendizagem e avaliar se os professores fazem uso dos conhecimentos gerais de disciplinas da formação pedagógica, em especial da psicologia da educação, que à priori foram adquiridos durante o período de graduação, objetivando transformar esse processo em um trâmite com maior possibilidade de aprendizagem do professor e aluno e constante preparação de ambos para a vida profissional e para a cidadania. A metodologia desta pesquisa consiste na análise conceitual de análises da Psicologia da Educação em relação a prática docente no ensino de Sociologia, buscando aproximar a prática das possibilidades de reflexão orientadas pela própria percepção dos autores do trabalho, objetivando realizar um relato de experiência dos processos formativos de Licenciatura em Ciências Sociais.

**Palavras-chave:** Estágio. Ensino. Sociologia. Psicologia da Educação.

## SUPERVISED INTERNSHIP IN SOCIOLOGY TEACHING: note guided by educational psychology

### Abstract

Look, listen and write, this was the purpose of this work of observation of teaching sociology discipline classes at a public school in the city of Porto Velho, action taken as a curricular part of obtaining a degree in Social Sciences at the Federal University of Rondonia. The objective was to analyze the teachers and students behavior against the teaching-learning process and evaluate

<sup>1</sup> Sociólogo e Mestre em Educação, professor no Centro Universitário São Lucas. Contato: [rafael.andrade@saolucas.edu.br](mailto:rafael.andrade@saolucas.edu.br)

<sup>2</sup> Bacharel em Direito, Graduanda em Ciências Sociais e Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondônia. Contato em [liabastosfala@yahoo.com.br](mailto:liabastosfala@yahoo.com.br)

whether teachers make use of general knowledge of pedagogical training disciplines, especially the educational psychology that a priori were acquired during the graduation period, aiming to turn this process into a proceeding with greater possibility of the teacher and student learning and constant preparation both for employment and for citizenship. The methodology of this research is in the conceptual analysis of Psychology analyzes of Education in relation to teaching practice in teaching sociology, seeking to approach the practice of reflection possibilities guided by the perception of the authors aiming to achieve a experience report of the formative process of Degree in Social Sciences.

**Key- Words:** internship. Teaching. Sociology. Educational psychology.

## INTRODUÇÃO

A educação como processo de ensino-aprendizagem passou por muitas mudanças ao longo da história da educação brasileira e tem constantemente se transformado enquanto elemento do tecido social. Muitas foram às transformações, uma delas que não pode ser negada é a significativa redução do número de analfabetos em nosso país e o aumento do número de crianças em sala de aula. No entanto, mesmo com todas essas conquistas o índice de jovens fora da sala de aula ainda é muito grande.

O número de desistência nas escolas pode ser observado nos diários de classe. O desgaste físico e psicológico dos professores e o desinteresse pela educação por parte dos alunos é fato concreto na realidade diária e na produção científica sobre a educação, análise esta que pode ser constatada a partir das pesquisas inerentes à síndrome de “burnout<sup>3</sup>” cada vez mais presente na profissão docente.

Da compreensão dos aspectos psicológicos enquanto elementos presentes na atuação e formação docente, partimos no intuito de observar aulas do ensino da disciplina de Sociologia e a aplicação prática dos conceitos e teorias da psicologia da educação, estudado pelos professores durante o período de graduação, na qual se licenciaram para estar em sala de aula. Foram observados os comportamentos dos alunos de 33 turmas de uma escola da rede pública do município de Porto Velho no estado de Rondônia. Cabe salientar que este trabalho tem como

---

<sup>3</sup> Esta síndrome está estritamente ligada ao contexto laboral de trabalhadores que lidam de forma direta com o público, inseridos em um contexto emocional, é marcada por uma relação subjetiva de negação e rejeição dos processos e do trabalho em si. Atinge, em sua maioria, profissionais da educação e da saúde. Os autores escolherem não apontar fontes específicas visto que este é um tema trabalhando amplamente na saúde do trabalho e da educação.

objetivo relatar a experiência formativa e docente dos autores enquanto egressos e acadêmicos do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Rondônia e seu rigor se aproxima da análise deste fenômeno a partir de uma lógica específica, de um olhar racionalizado.

Durante o período de observação, realizamos o acompanhamento por dois meses das aulas de três professores, em entrevista aplicada todos se demonstraram cansados da profissão e desestimulados quanto à aplicação de técnicas e metodologias de ensino-aprendizagem. Salientamos estas análises são realizadas durante o estágio curricular em ensino de Sociologia e possuem a inerente visão de um pesquisador ainda em formação e outro que já passou por este processo, buscando uma maior compreensão da relação entre ensino de Sociologia, perspectivas da atuação docente e conceitos da Psicologia da Educação.

Este relato intenciona somar ao arcabouço de discussões acerca da formação do professor de Sociologia adicionando uma fala que se torna singular pelos agentes que a proferem e no momento histórico em que se situam, um Estado brasileiro que publicamente atua contra a atuação dos professores em especial aqueles da “formação crítica, histórica e humana” dos indivíduos, citando como exemplo os projetos Escola sem Partido e Ensino Médio mediano por tecnologia, de âmbito nacional e no estado de Rondônia, respectivamente.

## **1 EDUCAÇÃO: uma realidade a ser observada**

O Relatório do Banco Mundial divulgou que 9,5 milhões de brasileiros entre 14 e 29 anos não estudam, deste número, 4,5 milhões não completaram o ensino fundamental. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE, senso 2010, quase metade da população brasileira (49,25%) com 25 anos ou mais não tem o ensino fundamental completo. Na faixa de 6 a 14 anos a universalização do ensino fundamental já é quase uma realidade, no entanto, em relação às crianças de até 5 anos e para os adolescentes de 15 a 17 esta universalização do ensino fundamental está longe de ser concretizada.

Estes dados revelam a realidade da educação dos jovens brasileiros e levantam uma série de preocupações e questionamentos acerca da educação que tem sido oferecida, especialmente as classes menos favorecidas economicamente, no Brasil ao longo dos anos. Quando partimos em direção a questão da qualidade do ensino brasileiro os dados apontam uma necessidade de reformulação dos processos educacionais. Segundo a Organização para a Cooperação e o

Desenvolvimento Econômico – OCDE, no ano de 2010, no Brasil haviam 55 mil escolas públicas e apenas 0,2%, ou seja, 160 alcançam um índice de desempenho considerado médio. Estes dados afirmam quantitativamente que nossas escolas, em sua maioria, não conseguem oferecer os rudimentos da formação para compreensão dos processos da sociedade (saber ler, interpretar e fazer cálculos medianos, como da jornada de trabalho e salário).

O Brasil, apesar das conquistas sociais trilhadas nos últimos anos, ainda ocupa a 60.<sup>a</sup> posição no ranking mundial. Levantamos algumas questões à título de hipótese: Seriam a falta de investimentos no setor educacional? A culpa é essencialmente do Estado no que tange à escola e sua formação? Há uma perda de interesse e de sentido da educação no Brasil moderno? Os métodos de educação estariam ultrapassados e desgastados? Os dados colhidos seriam resultado do desestímulo dos profissionais de educação? Nossa escola se comunica e propicia elementos para a inserção no mercado de trabalho e formação cidadã, crítica e histórica? Temos como afirmação o ponto de que para atender os interesses dos mecanismos financeiros internacionais em muitos aspectos a educação no Brasil tem se baseado mais em números do que em resultados efetivos e nossas perguntas são apenas algumas em dezenas que devem ser respondidas pelos pesquisadores, professores e demais agentes da educação.

Dentro do próprio contexto e do currículo escolar também foram criados ao longo dos anos, significados e significações, disciplinas e conteúdos mais e menos importantes. Atualmente percebemos um desmembramento da educação em frações ou caixas curriculares: a da matemática, a caixa da língua portuguesa, da história, a caixa da geografia, entre tantas outras, e a cada vez mais diminuta caixa da Sociologia; vendo a educação de forma dividida e não um todo uno indissociável e necessário conjunto.

Neste trabalho de observação nos desdobramos justamente na “diminuta caixa da Sociologia”, vamos assim denominá-la pela quantidade de aulas destinada ao ensino da disciplina, apenas 1 (uma) por semana e pelo espaço marginal que ocupa no discurso e nas práticas do Estado, sendo esta carga horária ameaçada pelas recentes ações do governo Brasileiro<sup>4</sup>.

O objetivo é observar como os professores aplicam a psicologia da educação nos processos de ensino e aprendizagem, teoria esta estudada durante a graduação de licenciatura em Ciências Sociais. Para tanto se fez necessário ir a campo, assistir as aulas, observar os comportamentos,

---

<sup>4</sup> Este trabalho foi redigido e repensado no ano de 2016, onde fortes ações governamentais depreciam a educação, a formação crítica e a presença efetiva da disciplina Sociologia nos desenhos curriculares, podemos citar o projeto Escola sem Partido, a PEC 241 e a Medida Provisória da Reforma do Ensino Médio.

ouvir professores e alunos e apontar questões que se apresentam aos olhos do professor em formação ainda vinculado diretamente com a academia.

Para a realização desta pesquisa, a maior dificuldade encontrada foi conseguir uma escola para observar na cidade de Porto Velho, Rondônia. A primeira tentativa foi na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Orlando Freire localizada na Avenida Rio Madeira, zona leste da cidade, território marcado por ser periférico em muitos sentidos, especialmente no que tange ao acesso às políticas públicas que buscam promover a cidadania. Nesta escola fomos bem recebidos pela direção e coordenação pedagógica, no entanto, a professora que ministra a disciplina de Sociologia se recusou a ser observada ou entrevistada. A professora afirmou que não gostaria de “ter alguém” em “sua sala”. Ainda insistimos dizendo que eram poucas aulas e apenas observação, mas ela foi irredutível.

A segunda tentativa foi na Escola Marechal Castelo Branco e a recepção por parte da direção e da coordenação pedagógica foi muito boa. Os professores todos solícitos aos nossos pedidos. Ao contrário da professora da Escola Orlando Freire, foram atenciosos e por vezes bem sinceros. Realizamos por dois meses a observação dos trabalhos de 3 professores em 33 turmas, 80 aulas no total. Importante destacar que apesar de ministrarem a disciplina de Sociologia, nenhum dos 3 professores é formado na área. A professora que para fins éticos será chamada de professora “A”, justificou prontamente aos pesquisadores ser formada em Letras Português e não Sociologia. Segundo ela depois das alterações no currículo escolar das escolas públicas do estado, foi obrigada a pegar essas turmas de Sociologia para completar a carga horária de trabalho.

Nesta pesquisa qualitativa buscamos a compreensão dos comportamentos, ações e reações que acontecem cotidianamente em sala de aula, nesta relação tão complexa de professores e alunos, pois como afirma Creswell (2007) é preciso que o pesquisador esteja envolvido nas experiências reais dos participantes.

## **2 80 AULAS OBSERVADAS: relatos da realidade escolar**

Durante entrevista realizada com o professor “B”, ele narrou que é formado em Geografia e trabalha como professor há 18 anos. Disse também gostar da disciplina de Sociologia e prefere trabalhar com os alunos assuntos da atualidade ligados as questões sociais. Durante o período de observação ele aparentou estar um tanto cansado com o lidar diário em sala de aula. Sempre

muito atencioso e simpático, o percebemos como professor preferido dos alunos, no entanto, pelo que observamos em sala de aula tem pouco, por vezes, nenhum domínio das turmas, o que torna difícil a explicação dos conteúdos.

Não raramente observamos que ele se cansa com tanta agitação em classe e vai para a sala dos professores. Ficamos por várias aulas a observarmos o posicionamento do professor, ele nunca discute com os alunos, nem mesmo pede silêncio, na maioria das vezes os alunos falam junto com ele, de maneira que um não consegue ouvir o outro e quando aquilo tudo já está numa condição insuportável o docente sai de sala. Neste contexto de desgaste e cansaço observamos que o professor parece ter esquecido as aulas de psicologia da educação, não faz uso do conhecimento adquirido durante a graduação, transpor toda essa situação e ao mesmo tempo percebemos que sua capacidade de lidar com estas situações de confronto está cerceada, pela configuração da sala, desgaste do docente e relação dos alunos com o ensino.

A indisciplina constante parece irritá-lo, mas, quanto desta indisciplina está relacionado ao comportamento dos alunos e quando dela está ligada ao próprio comportamento do professor.

O professor “B” afirma gostar muito de ler e passa muita informação em sala de aula, mas observamos que os alunos não aproveitam todo esse conhecimento dele. Impossível não pensar na ideia de “Capital Cultural” levantada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, e como todo o contexto de formação desses meninos e meninas influenciam no que são e como serão. A localização da escola, as famílias de onde vêm esses alunos, classe social e econômica a qual pertencem, a falta do conhecimento e principalmente o desinteresse pela escola e com o que ela ensina.

Para Bourdieu (2007), a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. É nela que o legado econômico da família se transforma em capital cultural. E este, segundo o sociólogo, está diretamente relacionado ao desempenho dos alunos na sala de aula. Eles tendem a ser julgados pela quantidade e pela qualidade do conhecimento que já trazem de casa, além de várias “heranças”, como a postura corporal e a habilidade de falar em público. Os educandos não conseguem estabelecer uma relação entre o ensino estabelecido na escola com o discurso em suas casas ou locais de socialização, ao ponto que este discurso não é o mais importante.

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso”, ou seja, os benefícios que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no

mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Este ponto de partida implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das “aptidões” naturais, quanto às teorias do “capital humano” (BOURDIEU, 2007, p. 73).

Em entrevista realizada com o professor “C” podemos observar que é um dos professores com maior grau de qualificação da escola é Licenciado em História e Filosofia e Mestre em Sociologia. Sempre muito criterioso, gosta de manter a ordem e a disciplina em sala de aula. Carteiras sempre em fila reta, silêncio, correção dos cadernos, sempre faz chamada e não tolera entrar e sair dos alunos. Muito formalista utilizada às metodologias da escola tradicional.

O excesso de rigorosidade e formalidade nas aulas do professor “C”, não permite aos alunos a interação professor-aluno tão necessária ao aprendizado. Uma aula de Sociologia onde as experiências dos alunos, suas opiniões não sejam levadas em consideração pode dificultar o processo de construção do conhecimento e desnaturalização da sociedade a partir da fala dos educandos e de suas práticas sociais. Para o filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey (1971) a experiência educativa é um fator importantíssimo no aprendizado, pois, para ele o ser humano se educa por intermédio de suas experiências vividas, a educação e instrução são a própria experiência organizada.

[...] experiências, para serem educativas, devem levar a um mundo em expansão da ‘matéria em estudo’, concebida como sistema de fatos ou informações e ideias. Tal condição somente será satisfeita, quando o educador lança os seus olhos bem à frente e encara cada experiência presente como uma força em movimento, destinada a influir sobre o que serão as experiências futuras (DEWEY, 1971, p. 93).

Apesar, da alta qualificação do professor, durante todo o período de observação só presenciamos duas breves explicações dos conteúdos, pois na maioria das aulas era entregue um texto e os alunos deveriam responder a uma série de perguntas a partir do texto. Em outras duas aulas o professor leu o texto em voz alta com os alunos, perguntou se alguém tinha alguma dúvida, com base no silêncio da turma, o professor deu por encerrada a leitura e explicação e passou as atividades.

Infelizmente acabamos por não assistir uma aula integral do professor, na qual pudéssemos acompanhar leitura explicação, questionamentos, respostas, discussões e debates. Saviani (2013) analisa a questão de que nem sempre, o mais qualificado seja o melhor professor:

Que o melhor geógrafo não será necessariamente o melhor professor de geografia; nem será o historiador aquele que desempenha o melhor papel de professor de história; ou o melhor literato, o melhor escritor, não será necessariamente o melhor professor de português. E por quê? Porque para ensinar é fundamental que se coloque inicialmente a

seguinte pergunta: para que serve ensinar uma disciplina como geografia, história ou português aos alunos concretos com os quais se vai trabalhar? Em que essas disciplinas são relevantes para o progresso, para o avanço e para o desenvolvimento desses alunos? Daí surge o problema da transformação do saber elaborado em saber escolar. Essa transformação é o processo por meio do qual se selecionam, do conjunto do saber sistematizado, os elementos relevantes para o crescimento intelectual dos alunos e organizam-se esses elementos numa forma, numa sequência tal que possibilite a sua assimilação. Assim, a questão central da pedagogia é o problema das formas, dos métodos; certamente, não considerados em si mesmos, pois as formas só fazem sentido quando viabilizam o domínio de determinado conteúdo (SAVIANI, 2013, p. 61).

A professora “A” deixou claro durante entrevista sua insatisfação em ter que ministrar a disciplina de Sociologia. Segundo ela: “a falta de professores formados na área e a necessidade de preencher os horários dos professores são motivos que levam a equipe pedagógica a promover esses arranjos desastrosos”. O esforço para desempenhar a tarefa era visível. A presença de observadores em sala a deixou muito incomodada aparentando o tempo todo estar preocupada com o que estaríamos pensando ou anotando. Por várias vezes cometeu deslizes ao explicar o conteúdo, demonstrando não ter o domínio da disciplina. Apesar das dificuldades e de ser a que tem formação mais distante da área da Sociologia, a professora “A” apresentou melhor habilidade e desempenho em sala de aula. As dificuldades com o conteúdo a fizeram buscar conhecimento, preparar as aulas e atividades para os alunos.

A disciplina de Sociologia, segundo os professores observados nesta pesquisa, serve para complementar a carga horária de professores de outras áreas, ou seja, a disciplina serve como eles descrevem de “tapa buraco” no horário dos profissionais da escola. Logo no início do Referencial Curricular para o Ensino Médio do Estado de Rondônia (2013) nos deparamos com a seguinte citação:

Na escola, o currículo – espaço em que se concretiza o processo educativo – pode ser visto como o instrumento central para a promoção da qualidade na educação. É por meio do currículo que as ações pedagógicas se desdobram nas escolas e nas salas de aula. É por meio do currículo que se busca alcançar as metas discutidas e definidas, coletivamente, para o trabalho pedagógico. O currículo corresponde, então, ao verdadeiro coração da escola. Daí a necessidade de permanentes discussões sobre o currículo, que nos permitam avançar na compreensão do processo curricular e das relações entre o conhecimento escolar, a sociedade, a cultura, a auto formação individual e o momento histórico em que estamos situados (SEDUC, 2013, p.6).

Sem nenhum demérito ao que fora escrito em tal documento, mas pensar única e exclusivamente no currículo o único vetor para a percepção dos processos educacionais pode ser considerado um erro de análise. Na situação na qual nos deparamos nesta observação – com professores visivelmente insatisfeitos e sem formação para ministrar a disciplina – de que irá adiantar um currículo que apresente uma visão democrática de educação se de fato vemos o



cerceamento da liberdade dos educandos e ter uma educação de qualidade no que tange à formação e atuação profissional dos educadores? Ainda no mesmo documento (SEDUC, 2013) afirma-se o currículo como o coração da escola, mas o coração faz parte de um grande sistema, em que todos precisam estar funcionando harmoniosamente, a educação pode ser vista como um grande e complexo sistema cheio de interligações imprescindíveis.

### **3 INDISCIPLINA, FALTA DE PLANEJAMENTO E INDIFERENÇA: sintomas de uma educação doente**

O excesso de turmas que os professores observados possuem remete a uma exploração do trabalho docente. São em média 17 turmas, com uma proporção de 30 alunos por sala, uma estimativa de 510 alunos. Se os professores aplicarem a proposta de avaliação da escola, duas atividades e duas provas por cada aluno, multiplicado pelo número de discentes eles terão cerca de 2040 avaliações para corrigir por bimestre, se continuarmos a multiplicar pelo número de bimestres 4, teremos então um total de 8160 avaliações para corrigirem no ano. O grande número de alunos torna o processo de ensinar ainda mais complexo do que é em sua prática e cabe o questionamento se há espaço para este professor refletir acerca dos processos que ensina e analisa. (MORIN, 2002).

A professora “A” quando questionada sobre o plano anual, bimestral, plano de aula, a resposta foi: “Esquece! Não dá tempo pra ficar fazendo planinho de aula, você vai ficar louca! Imagine preparar plano de aula para 17 turmas! ”. As aulas dos professores são bem tradicionais e muito improvisadas, visto que não recebemos planos de ensino de qualquer natureza em nossa investigação.

Pensamos profundamente sobre as aulas da disciplina de didática estudada na Universidade e em nossa formação acadêmica. No processo formativo é remetido aos educandos que planejar é importante, pois quem planeja o que irá ser realizado (atividades didáticas) tem uma possibilidade maior, melhor e mais rápida de atingir os objetivos desejados, previstos, planejados. Planejar também torna a tarefa de ensinar mais fácil e assim possibilita que as dificuldades sejam superadas de forma mais dinâmica. Planejar evita improvisação e evita principalmente a indisciplina enquanto um ruído no processo de ensino e aprendizagem. Como afirma Maria Isabel de Freitas:

Desse modo, o planejamento é uma ação reflexiva, viva, contínua. Uma atividade constante, permeada por um processo de avaliação e revisão sobre o que somos, fazemos e precisamos realizar para atingir nossos objetivos. É um ato decisório, portanto, político, pois nos exige escolhas, opções metodológicas e teóricas. Também é ético, uma vez que põe em questão ideias, valores, crenças e projetos que alimentam nossas práticas. (FREITAS, 2009, p. 107).

Outro fator que chamou a atenção durante o período de observação foi o comportamento dos alunos. Geralmente eles levam de 15 a 20 minutos para se acalmarem e assim os professores poderem dar início a aula. Falam o tempo todo e muito alto, atrapalhando o desenvolvimento da aula e impedindo que outros alunos possam prestar atenção ao que está sendo explicado. Não demonstram interesse pela matéria, nem parecem entender a importância para a vida deles e também não foram observadas falas dos professores para convencê-los de tal importância.

Todos os três professores observados passaram atividades avaliativas durante o percurso da aula ocupando todo o tempo da mesma. Esta deveria ser entregue até o final da aula. Ao bater o sino o número de alunos que haviam cumprido a tarefa geralmente era bem reduzido. Nesta observação pensamos no conceito de capital cultural debatido por Pierre Bourdieu, capital este que influencia diretamente na aprendizagem do educando e que está relacionado à questão social de cada aluno, estabelecendo uma rede de significados culturais entre o que o aluno recebe como “herança” da família e o discurso da escola. Para Bourdieu a noção de capital cultural, impõe-se como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o famoso “sucesso escolar” com este acesso ao capital cultural fora da escola (BOURDIEU 2007).

Outro ponto importante na observação destas turmas foi à falta de diálogo e entendimento entre professores e alunos. Raríssimos foram os momentos em que os professores abriram oportunidade para discussões, debates e questionamentos. Raríssimos também foram os momentos que os alunos pararam para ouvir o que os professores falavam. É fato que a educação se dá principalmente através desta mediação entre os agentes envolvidos.

Professores e alunos precisam dialogar, precisam se entender e compreender, sem diálogo não existe aprendizagem. É um processo de troca em que professores e alunos aprendem e são ensinados. Essa interação e troca de experiências e conhecimentos se dão principalmente através da fala, por isso ouvir se faz muito importante no processo de ensino aprendizagem. Professor e aluno devem falar, mas primordialmente saber ouvir.

O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassiva, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (...) Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 2015, p.83-84)

Durante o período de observação e entrevistas realizadas na Escola Castelo Branco percebemos que além de observar também fomos observados, percebemos que assim como entrevistamos, também fomos entrevistados. Em meio às várias perguntas que nos fizeram uma se destacou, talvez não tenha sido bem uma pergunta, parecia mais um conselho, ou uma pergunta aconselhando. Enquanto recolhia seu material e procurava por alguma coisa o professor perguntou: “Melhor repensar bem sua profissão! É isto aqui mesmo que você quer?”.

Fazendo uma reflexão de tudo que vimos e ouvimos, percebemos o quadro triste e bastante desanimador que se apresenta o ensino público. Professores abatidos e desgastados ignoram os saberes e práticas das teorias da psicologia da educação ou de outros fundamentos da educação para lidar com os problemas educacionais – há uma dicotomia real entre prática e formação docente.

A aplicação de técnicas e metodologias são questões utópicas para os profissionais observados. No entanto, é bom registramos que a docência não é algo inato, mas sim para pessoas que desenvolvem alguns saberes, práticas e atitudes específicas, como por exemplo gostar de com o desenvolvimento de pessoas, como escreve Paulo Freire (2015), educar é transformar o indivíduo de objeto para sujeito da história, uma possibilidade de fundamentar uma visão que possa superar as barreiras ideológicas enquanto tarefa histórica do professor.

Outro ponto em comum entre os professores observados foi o fato de que todos estão muito ansiosos com a chegada da aposentadoria. Não querem mais dar aulas, não querem mais ensinar, não querem mais ser professor e também já não querem mais transformar o mundo pela educação. Essa é uma dura realidade observada, reflexo de quem foi vencido pelo sistema político, econômico e capitalista contemporâneo. Como descreve o médico, psicólogo e filósofo francês Henri Wallon (2008) um professor não pode fugir a responsabilidade que lhe é atribuída, pois de acordo com ele os alunos não são apenas “cabeças”, mas corpo e emoções, e essas emoções estão em sala de aula, e chegam à sala de aula com uma série de conflitos externos que não podem ser deixados de lado.

Um professor realmente ciente das responsabilidades que lhes são confiadas deve tomar partido dos problemas de sua época. Ele deve tomar partido não cegamente, mas à luz do que sua educação e sua instrução lhes permita fazer. Ele deve tomar partido para conhecer verdadeiramente quais são as relações sociais, quais são os valores morais de sua época. Ele deve se engajar não somente com seu trabalho de escritório, e não somente para a análise das situações econômicas ou sociais de seu tempo e de seu país; ele deve ser solidário com seus estudantes, aprendendo com eles quais são as suas condições de vida, por exemplo. Ele deve constantemente buscar novas ideias e modificar a si próprio para um contato permanente com uma realidade em evolução permanente, feita da existência de todos e que deve atender aos interesses de todos. (WALLON, 2008, p.82).

A desistência do ensino-aprendizagem dos educandos por parte dos docentes é um reflexo de que a educação não vai bem. É um reflexo que precisamos mais da análise da psicologia da educação tanto para o trabalho educacional com os alunos, como para os professores enquanto alunos nas Universidades e precisamos também de uma resistência permanente dos educadores e demais agentes sociais envolvidos.

### **CONCLUSÕES: inércia, um status a ser combatido**

Para a realização desta análise alguns percalços foram superados, a começar pela busca de local para a observação. A peregrinação pelas escolas demonstrou claramente as barreiras e o distanciamento entre a escola e a universidade. Para os profissionais nas escolas a universidade vive um sonho a parte, conforme relatos de vários professores “a universidade ensina uma utopia”, afirmam os docentes talvez aludindo sentido da palavra.

O termo utopia vem do grego "óu" (não) e "topos" (lugar), significa literalmente "nenhum lugar", ou seja, quiseram dizer que a Universidade ensina uma metodologia de ensino que não pode, não deve, ou não se consegue aplicar em “lugar nenhum”. É fato que entre a teoria e a prática existe uma grande diferença, este é justamente o desafio da universidade diminuir essa distância, pesquisar novos métodos, experimentar e aplicar, sempre na busca da melhoria da qualidade do profissional da educação e conseqüentemente da educação em si.

Durante este breve período constatou-se os problemas enfrentados pelos professores, a falta de profissionais habilitados ao exercício da função, a falta de material didático adequado à aplicação do conteúdo e ensino da Sociologia, o desânimo, o cansaço, o esgotamento profissional, o desinteresse dos alunos pela disciplina, a falta de compromisso da coordenação pedagógica com o ensino da Sociologia e principalmente o descaso da Secretaria Estadual de Educação e do

Governo de Rondônia com aquilo que eles mesmos propuseram no Plano Estadual de Educação e estabeleceram no Referencial Curricular do Estado (2013).

As aulas observadas demonstraram que os professores não aplicam na prática o que, hipoteticamente, aprenderam nas aulas de psicologia da educação. Em grande parte do tempo de observação notamos que eles também não se preocupam mais com a qualidade das aulas, ou se os alunos realmente estão aprendendo a disciplina. O desgaste e o cansaço são visíveis já ao primeiro contato. Os professores deixaram transparecer que já não pensam na qualidade de suas aulas, mas na execução mecânica da tarefa de ensinar.

Refletir acerca do que podem fazer para mudar esse triste e caótico cenário em que se encontra a educação, e como utilizar a psicologia da educação para mudar isso não é algo que pareça útil ou animador aos olhos deles. Quando questionados sobre a aplicação de técnicas e metodologias de ensino-aprendizagem demonstraram desinteresse e incredulidade em resultados positivos na aplicação destes.

Diante de tudo até aqui relatado concluímos que o que vimos e ouvimos serviu como base de informação acerca do ensino da disciplina de Sociologia e a aplicação prática da psicologia da educação frente aos problemas cotidianos e cada vez mais frequentes nas salas de aula. Pelo resultado da observação concluímos ser necessário e urgente que o Estado busque soluções para resolver parte do problema, mesmo que a percebamos que não é intenção pública do Estado brasileiro atual trabalhar na realização crítica e eficiente dos processos educativos. É necessário que mais e mais pesquisas surjam, como frente às indiferenças para com a educação, deixando transparecer que jamais nos adaptaremos ou adequaremos à situação que aí está posta e observável por qualquer um que, com o mínimo de olhar crítico, adentre em nossas escolas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Org.). Petrópolis: Vozes, 2007.

Comunicado nº 66 Pnad 2009 – *Primeiras análises: Situação da educação brasileira: avanços e problemas*, IPEA, novembro de 2010.

CRESWELL, J. W. *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre. Editora: Artmed, 2007.

DEWEY, John. *Experiência e Educação*. São Paulo: Nacional, 1971.

“*Education at a Glance: OECD Indicators*”. OECD (2015), *Education at a Glance 2015: OECD Indicators*, OECD Publishing, Paris.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, Isabel Maria Sabino de. *Didática e Docência: Aprendendo a profissão*. Brasília: Liber Livro, 2009.

FREUD, Sigmund. *Cinco lições de psicanálise: A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal-estar na civilização; Esboço de psicanálise*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília: Cortez, 2002.

PERRENOUD, Philippe. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

*Referencial Curricular para o Ensino Médio 2013* – Secretaria de Educação do Estado de Rondônia.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico – Crítica*. Campinas: Autores Associados, 2013.

WALLON, H. *Do ato ao pensamento: Ensaio de psicologia comparada*. São Paulo: Vozes, 2008.

*Recebido em: 20 de ago. 2016*

*Aceito em: 02 dez. 2016*